

TRADUÇÃO DA NOVELA “LES DEUX PIGEONS”, DE JULES LAFORGUE

Andressa Cristina de OLIVEIRA*
Guacira Marcondes MACHADO**

Les deux pigeons é uma fábula de La Fontaine¹, de 1678, na qual dois pombos vivem juntos em amor fraterno. Deve-se lembrar que o pombo é símbolo do viajante e emblema do amor. Um dia, um deles decide procurar novos ares, prometendo ao outro estar de volta em três dias. Nesse período, ele sofre vários reveses: assim que partiu, o pombo foi surpreendido por uma tempestade e só encontrou uma árvore para se abrigar; todo molhado, continuou até um campo de trigo, onde foi pego em uma armadilha, da qual conseguiu desvencilhar-se; logo, um abutre ia alcançá-lo, mas, das nuvens saiu uma águia com as asas abertas, que lutou com o abutre. O pombo fugiu até uma casa, acreditando-se salvo. Mas eis que um menino o atacou com seu estilingue, e, amaldiçoando sua curiosidade, arrastando asa e pé, ele voltou a seu lar, onde se juntou ao companheiro.

Em 1886, partindo dessa fábula, Henri de Régnier e Louis Mérante escrevem um libreto de três atos para um ballet, que se apresenta em Paris em 18 de outubro. Os libretistas passam do mundo dos animais para o mundo dos homens, e localizam a ação na Romênia: uma jovem vê seu noivo enamorar-se de uma cigana e partir com seu bando. Em uma pequena cidade, onde acampam, o jovem é roubado pelos ciganos e foge, pois ninguém o ajuda, tendo que enfrentar uma tempestade e voltar todo molhado para seu lar, onde é perdoado pela noiva.

Na edição crítica das *Moralités légendaires* de Jules Laforgue, seu responsável, Daniel Grojnowski, informa-nos que em junho de 1886, entre as novelas que deveriam constituir as moralidades, o poeta cita uma cujo tema não é

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Letras Modernas. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – andressac@fclar.unesp.br

** UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Letras Modernas. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – guacira@fclar.unesp.br

¹ Cf. La Fontaine (1836).

inspirado em mitos ou tradições culturais – a “*Incomprise*”. Na mesma época, o poeta enviou a Lindenlaub, editor da *Revue Illustrée*, manuscritos que gostaria de ver publicados, dentre eles a mesma novela, que ele identifica como “*Les deux pigeons*”. Entretanto, Grojnowski questiona se ela deve ser considerada um dos textos “perdidos”, como “*L’amour de la symétrie*”, “*Corinne au cap misène*” ou “*Malborough s’en va-t-en guerre*”. Para o estudioso, vários índices permitem pensar que se trata da novela que conhecemos pelo título “Os dois pombos”: “[...] *cocasse, riche d’incidentes et de trouvailles farces, ‘éléphantaisistes’*.” (LAFORGUE, 1980, p.313). Ele afirma que a extensão do manuscrito corresponde à das versões impressas, que podem ser divididas em dois fragmentos, o primeiro – que acaba após a despedida de Gaspar e Julieta. Grojnowski ainda comenta que o Teatro da Ópera de Paris apresentou em 18 de outubro de 1886 o balé de André Messager acima citado, que “transpunha” a fábula de La Fontaine. Em sua novela, Laforgue pode ter tentado integrar, por meio de uma simples troca de título, uma moralidade heterogênea ao conjunto de suas novelas, dando à “*Incomprise*” o título da fábula célebre na ocasião da interpretação coreográfica – visto que oferecia a dupla vantagem de referir-se à tradição e à atualidade. Lembremos que Jules Laforgue foi colaborador da *Revue Indépendante* e não pôde deixar de ler uma das “Notas sobre o teatro” que Mallarmé consagrou à representação.

A novela “Os dois pombos” foi publicada postumamente na *Revue Indépendante* de janeiro de 1888. De acordo com Grojnowski (LAFORGUE, 1980, p.314, tradução nossa),

[...] a moralidade estava acompanhada da seguinte nota: “Jules Laforgue escreveu esta novela no final de 1886 e pensava publicá-la juntamente com as *Moralités Légendaires*. A novela não está no conjunto dos textos corrigidos que podemos encontrar na biblioteca do Fonds Littéraire Jacques Doucet. Na ausência de manuscrito, reproduzimos a versão da *Revue Indépendante*”.

Essa moralidade era a última na ordem do manuscrito do poeta. Ele a suprimiu a pedido de seu editor, Édouard Dujardin. Está publicada na edição crítica estabelecida por Grojnowski em 1980 como “anexo”.

As novelas das *Moralités légendaires* de Laforgue buscam parodiar e dar importante contribuição a muitas questões teóricas não inteiramente resolvidas, ao transpor comicamente estórias lendárias em um contexto contemporâneo. Em junho de 1886, ele escreve ao amigo Gustave Khan, dizendo-lhe, “*Mon volume de nouvelles, tu en connais les principes: de vieux canevas brodés d’âmes à la mode.*”(LAFORGUE, 1925, p.16). Em *Les deux pigeons*, também, encontra-se

uma paródia que moderniza livremente estórias da história literária que precede Laforgue, dando-lhe um significado que se ajusta ao espírito, ao gosto e às características da vida sua contemporânea, isto é, da Decadência, no sentido de 1880, o movimento de vanguarda do qual ele se sentia participar, como bem aponta Hannoosh (1989).

Os dois pombos

- Então, é sério? Não é uma simples prova, simples, mas vulgarmente literária, à qual gostaria de submeter seu caro e sólido Gaspar?

- Não; e a solidez de todos os Gaspar do mundo aqui estaria deslocada.

- É loucura, Julieta! Não há lugar em vosso coraçãozinho para tão rudes brincadeiras, dessas brincadeiras que eu chamaria de elefantasistas²! (Esses trocadilhos mais ou menos eram uma de suas duas ou três manias).

- Estais precisamente no mais masculino erro. Meu coraçãozinho é bem grande, eu garanto!...

- E então?

- Vou fazê-lo tomar ar. Já vos disse, eu o repito há dois dias.

- E então, eu vou simplesmente ficar aqui, olhando aquele barco distanciar-se; e depois voltar... Aconselhai-me ao menos uma atitude, ó imaginativa Julieta!

- A de um homem de espírito diante de um de seus pares.

- E se esse homem de espírito fosse, como se diz, vingar-se?

- Oh, deixa disso! Aliás, estou certa de vosso tipo de fidelidade.

- Se pelo menos tu me dissesse: “Gaspar, fujo de ti definitivamente porque não preferiria matar-me a deixar-me fugir, o que terias feito certamente nos primeiros tempos de nosso amor, o que prova que não me amas mais como então”. Mas não, foges de mim por fugir.

- E, de fato, por que então não me matas?

- Oh! porque eu preferiria antes informar-me.

- Se me amásseis, saberíeis logo, bastaria olhar-me nos olhos.

No momento de uma grande partida, toda a imensidão do espaço no qual se é lançado nos pega pela garganta; os mais sensíveis sufocariam se, não cerrando os dentes, deixassem passar algo mais do que propósitos vivamente indiferentes.

² Palavra-valise: junção de éléphant e fantaisiste.

Gaspar e Julieta haviam, aliás, esgotado secretamente entre quatro paredes as últimas das últimas cenas.

Eles continuaram a entreter sua espera ao longo do cais.

Entre os empilhamentos de barricas, meninos e meninas brincavam de esconde-esconde; fato que encolerizava os grupos de pessoas simples, de uniforme azul, com finas argolas de ouro nas orelhas, mas encolerizava por hábito, pois essas pessoas simples são, na maior parte, bons pais.

Ó crepúsculos de agosto! Belo plenilúnio de ouro velho, deslumbrante, orgulhoso! E toda uma comunidade de andorinhas deslizava, tocando a água tépida, atordoando-se com gorjeios em todos os sentidos, parecendo (Deus me perdoe!) querer ilustrar com seus arabescos das grandes claridades esse crepúsculo como, sem dúvida, nunca mais haveria igual. E depois, ainda, ó crepúsculos dos pequenos portos! Um cão que ladra ao cheiro da sopa em uma canoa amarrada, as lanternas que são alçadas como para uma missa do Mês de Maria-das-Águas, e, sobretudo, as mastreações e as cordagens que desfilam tão nostalgicamente no adeus do dia (Que destino, com efeito, para uma simples árvore das florestas, tornar-se mastro e ir-se embora assim!...)

O barco, com seu tombadilho branco dominando a desordem dos passageiros e dos caixotes, esperava, gastando seus freios, na baixa ruidosa de seus flancos; as duas grandes chaminés não lançavam vapor, contudo, o fino cano encostado em cada uma delas esganiçava derramando furiosamente um jato de nevoeiro muito branco.

Naquele momento, por trás da cidadezinha, um sino preparou-se para tocar o *Ângelus*. E aquele sino fiel e até embrutecido parecia insinuar: “Façam como eu e meus irmãos. Vejam essa cidadezinha de cerca de 300 lares, a igreja do bom Deus e o pequeno cemitério da boa morte: tudo não está aí? Ora, minha voz ainda é a mesma, e sou uma pessoa bem conservada, façam como eu, filhos de um século pródigo, resignem-se ao provincianismo de *não estar alhores*”.

Gaspar, com os punhos serrados, esperou que aquele sino sem mandato acabasse para tentar um supremo argumento (tão sublime, que não posso associá-lo à expressão demasiado seca a todos os corações bem nascidos, de “lançar um último sarcasmo”).

- Julieta, minha Julieta, estais bem só no mundo, contudo!

- Mais que nunca, rogo-vos.

- Não partireis!

- Pensais que será como ontem? Eu me deixei indignamente admoestar por manobras de último momento e minhas bagagens partiram sem mim; e não ganhastes nada com isso. E desta vez perderíeis tudo!

- Então, ainda me restaria alguma coisa?

- Sim, a esperança, como a todo mundo.

As primeiras casas de campo acendiam lâmpadas em imóveis gotas de luz que pareciam, no encanto novo dessa excepcional lua dourada, modestas jóias de província, jóias de família, jóias à moda antiga, quase do tempo em que a rainha Berta³ fiava.

- Julieta, como essas noites combinam com a vossa beleza! E quem vo-lo dirá melhor que eu? Julieta, em nome do amor que me jurastes com tanta freqüência em noites iguais!

- Eu o jurei sempre!

- É verdade, acalma-te. Mas, agora, o que vai ser de mim?

- Sob qual aspecto?

Gaspar havia puxado um canivete de seu bolso e usava a unha para abri-lo.

- Olha! pede-me para cortar a mão, a fronte, ferir-me gravemente para provar-te que teus olhares sempre perturbaram e reclamaram meu sangue!

- Vede, não conseguis nem mesmo abri-lo!

- Um minuto, veremos.

- Gaspar, deixai esse canivete, se não quiserdes ver-me ter um ataque de nervos na confusão desse cais.

- Eu vos aborreço, eis a verdade, que não posso arrancar de vós!

- Não, é que sou razoável.

- Razoável é um pouco forte para as razões doentamente pueris que consegui arrancar de vós. Vejamos, dizei-as novamente sem rir...

E ela diz novamente, o olhar perdido no sétimo céu literário.

- A idade bizarra que me cai sobre a alma este ano, um desejo louco de aparecer na cidadezinha onde fui criada, de me perder um pouco, deixando alguém atrás de mim...

³ Berta de Souable (Borgonha), chamada a Fiandeira ou a rainha fiadeira (c. 907 – aproximadamente 02 de janeiro de 966), filha de Burchard II, duque de Souable, casada com o rei de Borgonha, Rodolfo II, em 922.

- Sempre presente.

- Alguém que me compreendeu, até aqui pelo menos, e saberá conservar a consciência artista daquela singular criança que atravessou sua vida e se perguntará, em noites iguais a esta: “Onde está ela, a esta hora, no vasto mundo?”

- Mas é a fábula dos *Dois Pombos*, mais uma vez!

- Nunca em minha vida! A literatura vos perturba.

- Enfim; e fui eu naturalmente que deixei vossa imaginação em repouso excessivo para que tantas sórdidas heresias tenham podido nela crescer.

- Não, é a vida, minha alma, minha mãe, minha cidadezinha natal... Oh, contanto que eu não morra amanhã!

- Julieta, chega desses males! Voltemos; vós me contareis tudo tomando chá, e eu juro organizar-vos já amanhã uma existência salutarmente nova.

- Tomar o chá, aqui, esta noite! (A exorbitância desse pequeno quadro de gênero a sufocava). Mas quando eu vos repito que disso depende minha vida!

- Para onde escrever-vos? disse Gaspar após um silêncio oblíquo.

- Para longe, para nenhum lugar ainda.

- Vós me escrevereis?

- Talvez.

- Voltareis, disseis?

- Isso! Com um passado do qual não deixareis de ficar indignamente ciumento a toda hora.

- Basta; eu vos esperarei, minha pobre Julieta; conheceis o caminho.

Ele parou, deu um sorriso tão amarelo quanto a lua, acendeu um cigarro e, enrolando seu bigode em direção à lua, com uma voz de amator:

- Ah, que tempo encantador para um coração romanesco! (Olha, um verso). Estais bem agasalhada? Eu aposto que esquecestes o frasco de sais?

- É verdade, que amolação! É absurdo!

- Ei-lo aqui, fez Gaspar puxando friamente esse artigo de sua algibeira.

- Ah, que gentileza! Obrigada. – Ah! será que pus também minha dúzia de fotografias na mala?

Gaspar mediu sua companheira do corpete aos joelhos.

- Sim, e podeis distribuir, com isso, o retrato de um belo monstro! Adeus!

E virando-lhe as costas, ele partiu e desapareceu atrás das barricadas dos aduaneiros em direção às casas de campo. Julieta o seguiu com os olhos e todo seu resto de angústia fundiu-se em um suspiro ao largo.

O sino do barco pôs-se a tocar na direção daquelas casas de campo para as quais ele era toda noite o último ruído do dia. Julieta apressou-se.

- Vosso bilhete é de ontem, Senhora. É preciso ir marcá-lo novamente ali na frente.

Quando ela voltava, encontrou-se, no momento de atravessar a passarela, diante de Gaspar, que a esperava atrás de um grupo que se abraçava

- Deixai-me abraçar-vos também! declarou ele, o adeus na alma.

- Adeus, meu amigo! fez ela, com uma voz contida que não excluía um fundo de boa fé bem desejável.

Ele a estreitou misericordiosamente e suas bocas penetraram-se como que sem dissimulação.

- Faz-me sinal com teu lenço, sim? concluiu ele indulgentemente.

As laterais do barco calaram seu ronco, foram jogados rolos de cordas molhadas, e as pás das hélices puseram-se a bater, loucamente no início, depois cadenciadas, a água encantadora e pacífica que dessa maneira se pôs a fugir naquela bela noite...

Julieta olhava o cais popular distanciar-se na tão bela noite!...

- Então? Não se agita o lenço?

Ela voltou-se, Gaspar estava lá, tendo embarcado com ela; ele amarrava maternalmente um lenço no pescoço, fingindo interessar-se pelo par de pequenos fanais vermelhos que era içado a meio mastro.

- Que covardia! diz ela baixinho. Vil palhaço! Mas sabeis comportar-vos. Sois aqui apenas um passageiro e eu sou uma mulher honesta.

Ela desceu ao salão. Ele a seguiu à distância e sentou-se na entrada. Julieta deu a volta e subiu. Ele subiu.

Ela foi instalar-se na parte bem posterior e, indiferente a quem poderia interessar-se por ela, ajeitou-se em sua capa, com a facilidade sem afetação de uma emancipada desinteressada pelos viajantes, parecendo somente querer instalar-se em seu cantinho para pensar em suas coisas diante da lua e do mar que pertencem a todo mundo.

Gaspar encostado na amurada, não longe dela, acendera seu curto cachimbo do campo e esperava, não perdendo de vista aquele caro perfil perdido, orlado pela lua no momento.

- É loucura amena, pensava ele. É realmente ela, ali? E eu, aqui, estranho, esperando não sei o quê para me aproximar? E nessa categoria de barco, nesse luar inverossímil? Singular episódio. Sem dúvida a crise dos vinte e cinco anos, se houver uma crise dos vinte e cinco anos. Esperemos; é uma criança distinta e eu a adoro com afeição, apesar de tudo.

E Gaspar pôs-se a devanear em baforadas de cachimbo. Ele conhecia tudo, as filosofias e a história, as ciências modernas e os paradoxos, ele aplicava-se a tudo misturar em seu ideal de isolamento. E foi assim que ele conquistara Julieta outrora, talvez, infelizmente! em um de seus dias de tédio romanesco.

Na verdade, o encantamento romanesco dessa bela tarde pura, este embarque imprevisto embaralhavam seu temperamento com toda a poesia de um seqüestro outrora recusado por modéstia. E ele esquecia pouco a pouco a saraivada de respostas duras, insultantes até, com que ela desdenhava fazia dois dias suas cordiais súplicas, ele esquecia a cena bem grave de havia pouco.

- Mais três horas de barco, imaginava ele, e em um aflitivo quarto de hotel desconhecido, como eu vou apertá-la com jeito em meu peito! Pobre pássaro migrador e selvagem! E secar suas lágrimas de perdão e de reconhecimento... Ela está tão lindamente penteada!

Julieta sempre usara os cabelos curtos e encaracolados sobre a nuca. E agora, como outrora nos tempos mais ou menos distantes em que, sentado em um canto de um certo salão, obscuro sonhador de amores, ele a olhava viver entre suas charmosas amigas, Gaspar ainda repetiria a si mesmo:

- Separar, desarrumar seus cabelos encaracolados com mão familiar e trêmula? Oh, não falo por mim! mas alguém! Seria possível? E, levantando para ele seus olhos de terna luz, ela o deixaria fazer como uma coisa natural, e até colocaria a cabeça sobre seu ombro, e tudo o que se segue.

E ele lembrou-se que, então, após ter remoído esta idéia, fixa, mas escandalosa, da possibilidade de acariciar seus cabelos encaracolados, cada vez ele se consolava pensando: “É uma criaturinha animal, enfim, um pequeno mamífero distinto que envelhecerá como os outros, etc., etc.” Ele se lembrou também que regularmente uma última imaginação o perturbava: “Oh, sós em um quarto alugado para a circunstância! E ela chorando como uma Madalena, porque, diria ela, eu a teria feito sofrer, e porque eu nunca a compreenderei, e

pronta a cair novamente em lágrimas, e apertando seu lencinho enrolado contra sua boca para não gritar! etc., etc.”

Gaspar, naquele momento, levantou os olhos; lágrimas de silêncio justamente escorriam ao longo do perfil contornado pela lua de sua Julieta.

- É forte demais!

Ele segurou-se para não ir consolá-la, não pelo temor de que ela fizesse um escândalo (ele não pensava mais em sua ameaçadora advertência), mas em um repentino afluxo de esperanças voluptuosas que o fez murmurar: “Daqui a pouco, daqui a pouco, as coisas estarão no ponto”.

E para ter paciência e ajustar-se ele próprio à situação, tentou perder-se nas magias excepcionais daquele luar da época das *Éclogas*⁴. O cobre da amurada retendo um raio do astro em questão reteve igualmente seu sonho, e foi para ele a visão do Samovar refletindo a lâmpada em um canto do salãozinho deles, o Samovar e a lâmpada das boas noites comportadas. Esta noite, casa deserta e escura, nem chá, nem candeeiro, nem estampas, nem partidas de xadrez; e a janela não se abrirá para o frescor do pequeno jardimzinho, e os grilos poderão cantar para si próprios, se o coração (seu negro coraçãozinho de grilo) lhes disser.

Mas por causa de quais histórias chorava ela, lá, essa Julieta, um pouco nossa senhora de todos?

Há três dias, o anúncio de uma agonia em manchete de jornal a fazia gritar diante da evocação de um sorriso de outrora, um sorriso de homem, sob um bigode não afinado, ah! um sorriso pouco vencedor (em vista de algumas coisas deste mundo), mas que havia dirigido suas primeiras insônias de mulher. Fazia três dias, o alucinante sorriso que ia morrer lá, do outro lado da água, a atraía, a forçava a entrar imediatamente nesse mar, os olhos perdidos em direção às ingratas insônias de outrora! Felizmente, encontrava-se ali um daqueles calmos e sólidos barcos que fazem, no verão como no inverno, o serviço das almas romanescas.

Quantas vezes ela havia sonhado com intrigas ideais que trariam este quadro: ela agonizante e só e, no último instante, a porta que se abre e ele, o homem do eterno sorriso, vindo ajoelhar-se à sua cabeceira, dizendo-lhe como ela sempre foi incomparável com seus cabelos curtos encaracolados, e implorando perdões infinitos e póstumos por sua inqualificável conduta do dia 9 de setembro de 1877! – E agora, era ela (oh! chegaria ela a tempo?) que ia soar à grade nessa rua tão tranqüila, entrar, atravessar o ateliê, empurrar a porta do

⁴ *Écloga*: poesia pastoril, em geral dialogada; bucólica, pastoral.

quarto, e vindo ajoelhar-se à cabeceira desse agonizante, espantado com tanta grandeza de alma em um invólucro tão frágil, dizer-lhe como ela sempre viveu de seu sorriso desdenhoso, e perdoar-lhe sua desculpável conduta do dia 9 de setembro de 1877! – Após o quê, ela retomaria as vias e os caminhos da tranqüila casa de campo de Gaspar, e lhe contaria tudo, tal qual, a Gaspar.

E eis o que um romancista teria podido ler entre as linhas do bilhete de viagem que Julieta havia colocado em seu pequeno porta moeda de couro falso da Rússia.

Começava a ficar mais que lunarmente fresco na ponte do barco. Na frente, um coro de emigrantes cantava, sem muita energia.

Julieta levantou-se, repentinamente, jogou seu folheto no mar, enxugou seus belos olhos e veio sentar-se perto de Gaspar.

- Perdoa-me.

- Oh! pobrezinha! Pobrezinha! (E, com as mãos hesitantes, ele lhe atou fraternalmente seu próprio lenço em volta do pescoço). Nós estamos chegando, tu me contarás tudo. Amanhã pegaremos o primeiro barco. Ou, se preferisses, fariamos uma curta viagem de repouso?

Ela apoderou-se febrilmente de sua mão direita de homem corajoso.

- Escuta, não tenho segredos para ti. Mas, se me respeitas, deixa-me esta aqui até o fim. Entenda um pouco! O que faz com que nos tenhamos amado é que somos daqueles que o vulgar chama romanescos, daqueles que, sem aviso prévio, se lançam por léguas insólitas para uma satisfação inferior, daqueles cujos casos de consciência alojam-se aqui. (E ela passou por duas vezes o índice no lugar presumido do coração).

- Entendo a explicação. Não podes dizer mais nada?

- Não, saberás tudo em meu retorno.

- Isto é?

- Em um mês. Não seja mesquinho, Gaspar! É como se te dessem apenas um mês para fazer uma obra prima.

- Uma obra prima? Ah! obra prima não é para tranqüilizar-me. Estarás pelo menos a salvo?

- Claro que sim; essas coisas não me tocarão mais abusivamente do que um romance que eu lesse, que tu mesmo, que és tão versado em literatura, me darias para ler.

- Sou tão versado assim em literatura?

- A própria Natureza.

Gaspar só pôde esboçar um gesto de incomensurável confiança em direção às cidades, lá longe...

- E então, vais passar esta noite no expresso sozinha; e eu a passarei só no próximo hotel?...

- Não me atormente mais! Já estou cansada de minha missão! Eu deveria ter partido ontem.

- Está bem, eu desapareço, eu esperarei. Somente amando-te de verdade!

Eles haviam, conscientemente, tudo esgotado. Permaneceram assim, sentados ao fresco; ele, segurando sobre o peito essa cabecinha ainda adolescente cheia de um tão grande segredo proibido, um segredo inquietante como uma obra prima!

Os emigrantes cessaram seus cantos. O horizonte esmaltava-se de fogos simétricos. E o sino do barco pôs-se a tocar com um terno júbilo, tão insensível às chegadas como às partidas, naturalmente.

A estação estava em frente; depressa apanharam e pagaram na alfândega as bagagens despachadas na véspera. Ainda uma hora e quinze minutos para vagar, consultar anúncios de paquetes em que nunca se viajará, etc., etc., e Gaspar, tendo instalado a fugitiva em uma diligência de senhoras desacompanhadas, selou com um indelével beijo aquela pequenina boca de criança com mal de romance.

Seis horas da manhã. Uma encantadora estação de tijolos vermelhos na extremidade de uma floresta de pinheiros. O expresso havia tido vinte minutos para tomar seu café com leite, ia partir novamente e já seu apito soava na doce solidão matinal.

Julieta, prostrada em uma cadeira diante do bufê ao ar livre, um jornal da manhã amarrotado entre seus joelhos, fixava solitariamente o solo com um olhar de luto, o solo, esse lugar onde somos enterrados. Alguém a observava, que, não a vendo decidir-se a subir novamente no vagão, desceu dele, resmungando: "Ela dizia ir pelo menos até Orléans, e é aqui que ela desce! uma estação desconhecida e sem relação com...!"

E era novamente esse absurdo e obtuso Gaspar! Na véspera, após ter selado com um beijo definitivo a boca de Julieta, ele havia saltado no mesmo trem, no último momento, apesar de sua promessa feita com voz cheia de resignações infinitas, e sob pretexto de que os apitos de partida desse expresso lhe pareciam

muito suspeitos. Mas ele ainda não se mostrara, decidido a ficar com o coração limpo, incógnito até o fim.

- O que ela está esperando, perguntava-se ele, indo pegar, para cercá-la, uma porta que não era a porta de saída. A obsequiosidade meridional de um empregado fez abortar esta manobra, e ele encontrou-se inevitavelmente a descoberto.

Ela levantou os olhos para ele, para esse vago intruso, e desviou a cabeça de maneira superior. – E quando o trem vai mover-se, ei-la que se lança contra a frente da locomotiva! Lá, um segundo de hesitação criminosa, e, a vêem passar e fugir, para o outro lado, através do matagal.

Gaspar, que tinha se precipitado para empurrá-la fora da via, teve de esperar que o trem tivesse passado; e dois empregados o retiveram ainda porque outro trem interminável chegava. Quando, após bons cinco minutos, a estrada ficou livre e ele a atravessou, a despeito de uma administração por demais zelosa, e tendo iniciado igualmente sua corrida através do matagal, não havia mais Julieta à vista.

- Essa orla de pinheiros a esconde de mim, sem dúvida. Ela só pode estar ali...

Ele correu até lá, os cotovelos junto ao corpo, ofegante ainda pela visão de suicida de havia pouco.

Na orla, ele só teve tempo para adivinhar, lançado ao galope! que havia ali um fosso a saltar, refletindo entre samambaias recentemente desarranjadas.

- Como ela pôde saltar isso? – pensou ele.

Ele pulou, pois, e foi em um segundo fosso, sem água e oculto por samambaias, de onde um grito partiu, que ele caiu de novo pesadamente, de mau-jeito com dois pés sobre um corpo mole e delicado, e sentindo-se logo prostrado pela vertigem lancinante de uma dupla e perfeita entorse.

E ele pôde reconhecer, antes de desmaiar de dor, que era Julieta que jazia lá, ela, que levantava em sua direção aquele rosto ensangüentado e esmagado e depois caía de novo igualmente desmaiada.

As horas de uma radiante manhã, tão única em seu gênero quanto o crepúsculo da véspera no seu, passaram sobre esses dois pseudo-cadáveres, nesse buraco de um matagal deserto, com murmúrios de zangões nos dentilhões das samambaias como único inquérito.

Por volta de oito horas, uma caleça de colhedeiros de resina, muito intrigadas com aquele casal naquele estado, conduziu-os de volta à cidade.

Eles encontraram-se em um quarto de hotel, a Julieta e o Gaspar!

Gaspar levou um tempo infinito para se recuperar. E Julieta estava desfigurada para sempre, com uma bochecha mal remendada e seu caro nariz aquilino que agora virado como trompete fazia do anjo modesto de outrora uma jovem feiosa de focinho petulante, sua tez permanecendo, aliás, a de um pêssego. Que existências!

Gaspar ama sua Julieta sempre da mesma forma. Ele salva tão bem as aparências que a torna uma realidade dupla daquela de outrora.

Mas Julieta sabe que, no fundo, Gaspar vive somente para o Belo (do qual o amor o levou mesmo a fazer dele uma profissão), ela sabe quanto o corrompe e o conduz à sua ruína, pelo espetáculo de sua máscara incoerente.

Ela não se suicidará de vez, mas mata-se em pequenas doses. É questão de alguns meses. Autômata cada vez mais diáfana, passa seus dias a se tricotar, até o último filete de luz, espessos veuzinhos.

Ah, o veuzinho do sudário estará logo também marcado no livro de contas do comerciante!...

É questão de algumas semanas.

E Gaspar não tardará a sobreviver-lhe.

REFERÊNCIAS

HANNOOSH, M. **Parody and decadence**: Laforgue’s moralités légendaires. Columbus: Ohio State University Press, 1989.

LAFORGUE, J. **Moralités légendaires**. Édition critique établie par Daniel Grojnowski. Genève: Droz, 1980.

_____. **Oeuvres complètes: Lettres**. Introduction et notes de G. Jean-Aubry.

Paris: Mercure de France, 1925. v.4.

LA FONTAINE. Les deux pigeons. In: _____. **Oeuvres complètes**. Notes et une nouvelle notice sur sa vie par M. C. Walckenaër. Paris: Firmin Didot frères, 1836. p.80.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

RÉGNIER, H.; MÉRANTE, L. **Deux pigeons**: ballet en 3 actes d'après la fable de La Fontaine. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/lesdeuxpigeonsba00mess>>. Acesso em: maio 2011.